

PRÁTICAS DA
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 6 - 2018



Número especial **A História de Hayden White**
Special issue **The History of Hayden White**

Hayden White e o problema da narrativa

Rui Bebiano

Práticas da História, n.º 6 (2018): 41-50

www.praticasdahistoria.pt

Rui Bebiano

Hayden White e o problema da narrativa

No ensaio “The question of narrative in contemporary historical theory”, publicado em 1984 por White, aborda-se o lugar central do processo narrativo na construção do conhecimento histórico, para demonstrar de que modo é impossível ao historiador pensar que detém um acesso privilegiado ao passado, sem que o reconhecimento deste facto o diminua como profissional. Enfatiza ainda o modo como o entendimento da história enquanto “ato poético”, e a aceitação da interação necessária entre real e imaginário que o envolve, lhe garante uma dimensão de responsabilidade e de criatividade que torna mais completo o seu papel.

Palavras-chave: Narrativa; poética; verdade; imaginação.

Hayden White and the problem of narrative

In the essay “The question of narrative in contemporary historical theory”, published in 1984, Hayden White addresses the centrality of narrative in the process of constructing historical knowledge, arguing for the impossibility of a privileged access to the past, which, however, does not in any way diminish the historian’s professional credibility. The understanding of historiography as a “poetic act”, and the acknowledgment of an imperative articulation between the real and the imaginary, ensures a dimension of both creativity as well as responsibility, and thus a more comprehensive role for the historian.

Keywords: Narrative; poetics; truth; imagination.

Hayden White e o problema da narrativa

Rui Bebiano*

“The question of narrative in contemporary historical theory” foi publicado por Hayden White em fevereiro de 1984 na revista *History and Theory*, ressurgindo dois anos depois na compilação *The Content of the Form*. Na primeira página, como consigna adaptada aos debates que então corriam sobre metodologia e epistemologia da história, a conhecida afirmação de Barthes em “Le discours de l’histoire”, um artigo de 1967, à qual tem por vezes erradamente sido atribuído um sentido redutor do valor do facto: “Le fait n’a jamais qu’une existence linguistique.” Ela reforça o objetivo central do ensaio aqui examinado: certificar as razões que fazem com que, para White, a narrativa deva ser sempre observada como componente incluível do trabalho do historiador.

Reparte-se por sete partes. Na primeira, distingue a história enquanto saber e narrativa escrita; na segunda, refuta a objeção de que a narratividade dramatiza e “romantiza” o objeto, retirando-lhe rigor; na terceira parte, separa história e ficção, reportando o trabalho da teoria estruturalista e pós-estruturalista; na quarta, destaca a importância da narrativa para separar a história da vertigem da dimensão empírica; na quinta, discute e enfatiza o valor do mito e da alegoria na construção da narrativa histórica; na sexta, trata a dimensão figurativa do conceito de “verdade”; na sétima parte, fecha a reflexão recusando a assunção dos conceitos de “real” e de “imaginário” como sendo de natureza antitética, aproximando-os na forma de entender o que é e como se constrói a história.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Centro de Estudos Sociais (ruibebiano@gmail.com).

Logo em 1966, com o ensaio “The Burden of History”, mas particularmente a partir da edição de *Metahistory*, de 1973, o trabalho teórico de White foi olhado como inovador, tendo alguns dos seus conceitos – como os de “meta-história”, “tropo” ou *emplotment* (“colocar em trama”) – sido incorporados pelo universo da história, da filosofia da história ou dos estudos literários. O seu contributo viria a ganhar tal impacto que em alguns ambientes passou mesmo a falar-se de uma “historiografia após Hayden White”. Ao mesmo tempo, as suas propostas foram olhadas como perturbantes em alguns meios da história profissional. A explicação não é difícil: White considerava que muitos historiadores não procuravam formas mais completas de compreensão do mundo porque permaneciam vinculados a fontes, métodos e processos convencionais, excessivamente observadores de uma conceção estática e ensimesmada do *métier* e do seu discurso. Ancorado em contributos de autores tão diversos como Hegel, Nietzsche e Croce sobre o sentido politicamente dinâmico do conhecimento histórico e também sobre a possibilidade de este ser reconhecido como uma arte, propôs então um diagnóstico e uma terapêutica que reequacionaram os conceitos de realidade e de verdade em história.

Entendia ali que o modelo de historiografia dominante era particularmente restritivo, incorporando um conjunto de interditos, aplicados ao pensamento, à imaginação e à escrita. Exemplo desta limitação era o facto de minimizar ou excluir o uso de *insights*, de operações cognitivas, originárias da arte e da literatura, enfatizando ao invés o corte entre acontecimento e ficção. Opondo-se aos “ficcionalistas”, os historiadores neopositivistas e similares não atendiam à configuração literária nos seus trabalhos, preferindo acreditar, ao estabelecerem diretrizes mais ou menos rígidas para a disciplina e ao servirem-se de uma linguagem árida e vocabularmente muito depurada, que dessa forma conseguiam “superar” a dimensão subjetiva e irregular da ficção. Quanto muito, utilizavam elementos retirados de fontes literárias, mas mediando-os sempre com recurso a trabalhos académicos de crítica e de exegese literária.

Nas primeiras páginas do artigo a que este texto se dedica, White examina o carácter incompleto e a seu ver erróneo desse processo de

exclusão: “This implies that the form in which historical events present themselves to a prospective narrator is *found* rather than *constructed*”.¹ Todo o texto se destina, ao invés, a sublinhar o valor primordial da construção do sentido. Aquilo que White vinha propondo era que, para além das temáticas, especialidades e focos, o que deve diferenciar os historiadores é a forma como cada um deles vê, ou lê, os documentos, e como transforma aquilo que apreendeu numa narrativa textual ou visual com características próprias.

Isto é, a dimensão interpretativa encontra-se sempre no centro do argumento. Uma década após *Metahistory*, enfatiza de novo o lugar da narrativa e os problemas que esta continuava a levantar na teoria da história, assinalando a existência de um “intenso debate” sobre aquilo que, do seu ponto de vista, talvez até nem justificasse tanta aspereza, pois, como refere, não existe outro modo de conceber a comunicação que não através da narrativa. O problema, pois, não está no uso da narrativa, mas na forma de conceber os modos que toma. Por isso White distingue dois *tempos* no processo de materialização do discurso histórico: o primeiro assumindo uma *interpretação* do fragmento do passado que pode ser conhecido, enquanto o segundo define uma *representação*, em termos de linguagem, dessa interpretação.²

Sob esta perspetiva, a representação do passado integrará sempre uma forma de *imaginário poético*, materializado na linguagem da qual o historiador se apropria no processo narrativo. Daí insistir no valor dos tropos de linguagem: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Apetrechado com estas quatro ferramentas, o profissional da história tem a capacidade de conferir um sentido mais rico a um conjunto de asserções, fazendo-o de formas muito diferentes: pode subordiná-las às leis causais que as condicionaram, mas pode também codificá-las no sentido de formular um passado plausível. A criação historiográfica será, assim, sempre “uma operação literária”, o que significa “produtora de ficção”. Escrevera-o já em 1974, em *Tropics of Discourse*, e retoma-o

1 Hayden White, “The question of narrative in contemporary historical theory,” *History and Theory* 23, no. 1 (February 1984): 1-33, 2.

2 White, “The Question,” 3.

no ensaio aqui analisado, enfatizando, a dado passo, o facto de “in both poetic and rhetorical speech, the communication of a message about some extrinsic referent may be involved, but the functions of «expression» on the one side and of «connotation» of the other may be given a higher order of importance”.³ No estudo que produziu sobre a “imaginação histórica” em White, Herman Paul testemunha a forma como para este, tanto a um nível profundo de consciência, quanto no processo de escolha das estratégias de explicação ou de representação, o historiador executa “an essentially *poetic act*”.⁴

Pode estabelecer-se aqui uma comparação do trabalho de White com o de Dominick LaCapra. Ao lado de White, LaCapra condena a tendência da história que permanece fiel a paradigmas literários e científicos datados do século XIX, partilhando também da opinião depreciativa de uma história concebida como lugar dos “homens sensatos” que sobressaem por encontrar o simples no complexo e o familiar no estranho, servindo-se dela também como refúgio, ou antídoto, para os “vícios do presente”.⁵ Aceita ainda a dimensão ficcional da experiência e a estrutura literária da escrita histórica, tal como valoriza a história intelectual, ou das ideias, por esta há muito ter reconhecido as estruturas do pensamento e o papel do elemento simbólico como parte integrante da comunicação humana e da perceção do passado, ficando assim em melhor posição para valorizar o papel do pensamento abstrato e dos fatores subjetivos na construção da história. LaCapra destaca, aliás, a dívida que mantém para com o seu colega: “No one writing in this country at the present time has done more to wake historians from their dogmatic slumber than has Hayden White.”⁶

Todavia, diverge deste sobre diversos aspetos. Separando-se em parte da ideia da escrita da história como resultado de uma série de escolhas que dependem da criatividade e da destreza, considera que as

3 White, “The Question,” 16.

4 Herman Paul, *Hayden White. The Historical Imagination* (Cambridge: Polity Press, 2011), 70.

5 Lynn Hunt e Lloyd Kramer, *Literature, Criticism, and Historical Imagination: The Literary Challenge of Hayden White and Dominick LaCapra* (Berkeley: Book Chapter, 1989), 100-01.

6 Dominick LaCapra, *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Languages* (Ithaca, New York: Cornell University Press, 1983), 72.

noções de ordem e causalidade não podem ser rejeitadas pela historiografia. Atribui também uma importância maior ao vínculo, da parte de quem constrói a história, estabelecido com os textos que a documentam, dada, para além da sua natureza informativa, a capacidade que fornecem de influenciar a linguagem de quem pretende reconstituir parte do passado, aproximando o real vivido de uma maneira a seu ver mais perfeita e polimórfica. Textos e contextos possuem, para LaCapra, uma relação de complementaridade, embora não devendo ser confundidos.

Além disso, também não partilha inteiramente da figura ideal do “historiador-poético” desenhada por White, embora entenda que os profissionais da história devam aprender a escrevê-la de renovadas maneiras, precisando para isso de se dispor a seguir os romancistas até aos domínios da linguagem dentro dos quais se torna possível uma figuração de multiplicidades que são formas de conhecimento. Sublinha mesmo a relação com o discurso histórico de autores como Dostoiévski, Stendhal, Flaubert, Thomas Mann ou Virginia Woolf.⁷ Considera, porém, que deve ser procurado um método de escrita da história que transmita a complexidade das categorias presentes no real descrito sem colocar de parte as distinções conceptuais e analíticas e a materialidade dos meios de prova, e, portanto, sem cair numa criatividade formal que pode produzir um discurso obscuro ou incompreensível, sendo esta, de facto, uma importante objecção que pode ser levantada às teses de White.

Todavia, para este as narrativas históricas não imaginam “as coisas que indicam”, antes trazem à mente, de forma mais rigorosa, “imagens das coisas que indicam”, tal como o faz a metáfora. Conferindo sentidos aos acontecimentos passados, aquém e além de qualquer percepção que estes forneçam, “historical narratives are not only models of past events and processes, but also metaphorical statements which suggest a relation of similitude between such events and processes and the story types that we conventionally use to endow the events of our lives with

⁷ Dominick LaCapra, *History, Politics and the Novel* (Ithaca, London: Cornell University Press, 1987), 1-14.

culturally sanctioned meanings”.⁸ Qualquer área do saber que, contrariamente a ciências como a física e a química, não se “disciplinou”, ao ponto de esboçar um sistema terminológico-formal limitado para descrever os seus objetos, tem nos discursos figurativos os processos para enunciar os dados que se destinam à análise, não se vendo razão para que a história não se encontre precisamente na mesma situação.

Problema inevitável associado a este modo de entender a construção da história é o da veracidade dos documentos, na sua articulação com o fator de prova e com a reconstituição credível do passado. Hoje poucos serão os historiadores suficientemente ingênuos para acreditarem poder chegar, a partir dos documentos disponíveis, a uma verdade definitiva e incontestável. É um lugar-comum renegar a história positivista e reconhecer-se o carácter relativo dos saberes, ao mesmo tempo que, a partir da intervenção pioneira de Thomas Kuhn, a própria ciência se tornou reconhecidamente incerta. Segundo White, a dificuldade está em retirar desta situação todas as possíveis consequências e fazê-la corresponder a uma prática coerente, coisa que apenas poderá acontecer depois de redimensionado o próprio valor do documento como prova.

Em “The Question of Narrative”, o problema da verdade é particularmente abordado, em particular num diálogo mantido com Paul Ricoeur. Após considerar que este toma o argumento (*plot*) como “crucial to the historic representation of events”, e que Ricoeur “has assigned historical narrative to the category of symbolic discourse”, recorre às suas posições para asseverar que é de certa forma impossível representar ou atribuir um sentido aos acontecimentos históricos sem recurso a uma estrutura narrativa que inevitavelmente os reconfigura: “The only way to represent them is by narrative itself.”⁹ Neste sentido, a “verdade” é assumidamente mediada pela estrutura narrativa, e de modo algum associada apenas a uma representação empírica, supostamente absoluta e inequívoca, dos factos, como ingenuamente creem os defensores do conhecimento objetivo aplicado à história.

8 Cf. Hayden White, *Tropics of Discourse. Essays in Cultural Criticism* (Baltimore: John Hopkins University Press, 1978), 103.

9 White, “The Question,” 27-28.

Ao mesmo tempo, o historiador, se desenvolve o trabalho de escrita baseado em evidências que encontra no decurso do exame das fontes legadas pelas gerações que o precederam, procede à análise documental a partir de problemas e conjecturas situadas no presente, procedendo a uma inevitável recriação. As “evidências” nada mais são assim do que a leitura do especialista quando este examina e interpreta o documento. E o acontecimento, o evento em história, desaparece como dado transparente que se oferece por inteiro, ou na sua essência, representando antes algo que se insere numa intriga, numa trama feita e refeita pelo historiador. A narrativa do passado não é, no presente, senão a construção que o historiador concebe no momento em que se propõe representá-lo.

Já em *Tropics of Discourse*, White afirmara que os documentos históricos não são menos opacos do que os textos estudados pelo crítico literário. Tão-pouco é mais acessível o mundo representado nesses documentos. A opacidade do mundo neles configurado é até ampliada pela produção das narrativas históricas, e cada nova obra neste domínio produzida apenas é somada ao número de textos possíveis que têm de ser conhecidos se, num processo eventualmente infinito, se pretender traçar o “retrato” possível e razoavelmente completo de determinado ambiente histórico.¹⁰ Neste artigo, esta dimensão volta a ser enfatizada: “Narrative is beyond a mode of explanation, more than a code, and much more than a vehicle for conveying information (...); it is a means of symbolizing events without which their «historicality» cannot be indicated.”¹¹

No final do ensaio, White regressa ao valor da articulação entre real e imaginário que subsume, sob o seu ponto de vista, todo o processo de historicização do passado: “The notion of what constitutes a «real» event turns, not on the distinction between «true» and «false» (which is a distinction that belongs to the order of discourses, not to the order of events), but rather on the distinction between «real» and

10 White, *Tropics*, 106.

11 White, “The Question,” 27-28.

«imaginary» (which belongs both to the order of events and to the order of discourses.”¹² Esta diferenciação representa para ele uma condição inquestionável.

Escreve Paul que um dos paradoxos da obra de Hayden White como historiador e teórico da história consiste em que a maior parte do seu esforço foi dedicado a explicar porque de modo algum podem os historiadores pensar que detêm um acesso privilegiado ao passado. O grande valor do artigo aqui observado está em deixar claro que isso de modo algum os diminui. Antes lhes assegura uma dimensão de responsabilidade e de criatividade, no reconhecimento da história “como saber próprio, mas híbrido, que combina dados e imaginação e o faz com rigor e com arte”,¹³ tornando mais completo e empolgante o seu papel e abrindo-o no processo público de comunicação.

12 White, “The Question,” 33.

13 Rui Bebiano, “Sobre a história como poética,” in *As Oficinas da História*, coord. José d’Encarnação (Lisboa: Colibri, 2002), 47-70, 70.

BIBLIOGRAFIA

Barthes, Roland. “Le Discours de l’histoire.” In *Informations sur les sciences sociales*, 1967. Retomado em *Le Bruissement de la langue. Essais critiques IV*. Paris: Seuil, 1984.

Bebiano, Rui. “Sobre a história como poética.” In *As Oficinas da História*, coordenado por José d’Encarnação, 47-70. Lisboa: Colibri, 2002.

Hunt, Lynn, e Lloyd Kramer. *Literature, Criticism, and Historical Imagination: The Literary Challenge of Hayden White and Dominick LaCapra*. Berkeley: Book Chapter, 1989.

Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LaCapra, Dominick. *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Languages*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1983.

LaCapra, Dominick. *History, Politics and the Novel*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1987.

Paul, Herman. *Hayden White. The Historical Imagination*. Cambridge: Polity Press, 2011.

White, Hayden. *Metahistory. The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973.

White, Hayden. “The question of narrative in contemporary historical theory.” *History and Theory* 23, no. 1 (February 1984): 1-33.

White, Hayden. *Tropics of Discourse. Essays in Cultural Criticism*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1978.

Referência para citação:

Bebiano, Rui. “Hayden White e o problema da narrativa.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 6 (2018): 41-50.